

**ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL NOSSA SENHORA APARECIDA
FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ALLICE GOMES GODINHO DOS SANTOS

INCLUSÃO E ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS

Aparecida de Goiânia

2018

ALLICE GOMES GODINHO DOS SANTOS

INCLUSÃO E ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS

Artigo apresentado à faculdade Nossa Senhora Aparecida-FANAP, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia, sob a orientação do professor Esp. Clayton Roberto.

Aparecida de Goiânia

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

INCLUSÃO E ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS

ALLICE GOMES GODINHO DOS SANTOS

Este Artigo Científico foi apresentado no dia 10/12/2018 como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, tendo sido avaliada e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:

Prof. Esp. Clayton Roberto

Orientador - FANAP

Prof. M.a Nilvânia Damas Silva Lima

Leitora - FANAP

Prof. Dr. Cristiano Santos Araújo

Leitor - FANAP

RESUMO

Este artigo visa refletir a prática e o processo de inclusão do autista em redes regulares, possibilitando ao educador e a escola um olhar crítico sobre sua atuação e resultados de sua ação inclusiva, com o objetivo de frisar a política de inclusão em relação ao acesso e a permanência do aluno com autismo. É um artigo bibliográfico que se inicia com a conceituação de autismo, com diagnósticos e tratamentos, e em seguida abordará sobre a Educação Inclusiva em redes regulares. Para que exista a inclusão em escolas, é de grande fundamento o envolvimento da escola, comunidade e principalmente da família, para que possa atender a necessidade de garantir o acesso do aluno com autismo, sendo ele qualquer nível de estado. Estudar sobre o espectro autista e inclusão ajuda no aprimoramento do conhecimento na área, com isso é de extrema necessidade a formação adequada de profissionais da educação básica. A educação inclusiva tem o papel fundamental de desenvolver interações sociais no desenvolvimento dos alunos, estimulando assim, o aprendizado do aluno dentro e fora da sala de aula. A educação para pessoas com autismo é algo que engloba muitos tipos de habilidades, seja elas, sociais, visuais, comportamentais e de rotina. Para que a criança autista possa crescer cognitivamente e socialmente, e necessário usar todas as estratégias fundamentais para que isso aconteça para poder elevar assim o bem-estar psicológico da família e da criança.

PALAVRAS-CHAVES: Autismo. Inclusão. Escola

INTRODUÇÃO

O autismo tem sido um tema bastante pesquisado nos últimos anos, devido ao crescente número de casos no mundo, e as dificuldades em que a pessoa autista é encontrada, devido à dificuldade de encontrar escolas aptas, e professores adequados para que haja a inclusão dos mesmos. Sendo o autismo um transtorno que afeta a comunicação e a aprendizagem, acaba tornando-se um desafio o ingresso e a aceitação no meio escolar. Deste modo será apresentado no decorrer desse trabalho as possibilidades e as dificuldades da inclusão do autista, tanto quanto a relação do professor e o aluno, juntamente com a família.

O objetivo principal do tema escolhido é abranger a importância e necessidade da inclusão de mostrar aos leitores meios que facilitem a educação e a inclusão nas escolas. Sendo assim abordaremos o papel importante da família, juntamente com o educador, e as dificuldades que as escolas enfrentam como barreiras do preconceito.

No decorrer do presente trabalho, mostraremos aos leitores a necessidade de uma boa formação por parte dos educadores, assim novas formas de educação e técnicas especiais desenvolvidas para melhor incluir os alunos autistas, fazendo valer a legislação e mostrando de fato a educação como direito de todos

Há necessidade de integrar a inclusão no meio social e educacional, o acolhimento por parte dos alunos e professores especializados para que se obtenha êxito nessa inclusão, juntamente com a escola, e o aprimoramento por parte de educadores, para que consiga lidar com os autistas e suas necessidades de cuidados quanto a aprendizagem. Logo no início do processo educacional a inclusão tem o papel fundamental na fase da formação dos indivíduos logo na infância, pois assim eles aprendem a lidar com as limitações.

Este trabalho surgiu a partir da grande repercussão na mídia sobre a exclusão e os déficits de ensino para as crianças portadoras do espectro autista. Portanto apresentaremos a importância de incluir o autista no meio social e escolar, trazendo ao público alvo, sendo eles, a família e docentes, estratégias e técnicas que facilitem a inclusão e a aprendizagem.

Tendo em vista o crescente índice de crianças diagnosticadas com o espectro autista e a dificuldade enfrentada na inclusão escolar, este estudo surgiu a partir do entendimento da importância da educação das crianças. Entendimento esse, adquirido através de estudos e estágios realizados durante o curso.

Com os desafios a serem enfrentados no processo da inclusão do autista, vale salientar sua importância na socialização, convivência efetiva e desenvolvimento educacional. Sendo a educação especial do autista uma lei recente no Brasil, faz-se importante sua divulgação com o propósito e garantir afetividade a igualdade e a acessibilidade, bem como uma boa qualidade de ensino.

Portanto, este trabalho tem como prioridade destacar a importância da inclusão nas escolas e apresentar os meios e estratégias de uma melhor formação educacional e social para o autista.

Para a realização desse projeto foi escolhido o método de pesquisa bibliográfica, que tem como propósito agregar informação sobre autores que abordam sobre a inclusão do autista no ambiente escolar. Deste modo, a pesquisa bibliográfica sustentará as dúvidas e respostas que o tema explorado trará no decorrer do projeto. A metodologia pretende abordar os principais motivos da exclusão do autista no meio educacional, além dos melhores métodos de ensino na inclusão

Portanto, os principais autores que ampara este trabalho, será Cunha (2011), Mantoan (2003), Silva (2012). Eles abordam o fato do autista se incluir dentro de uma rede regular.

Conclui-se, portanto, que o objetivo do presente trabalho é levar aos leitores: famílias de autistas, professores que tenham um aluno incluído em sala de aula, ou até mesmo um autista, para que possa entender quão importante é a inclusão de um autista em escolas, e a preparação adequada de um educador.

1. Conceituando o autismo

O autismo, que é conhecido cientificamente por Transtorno do Espectro Autista, é uma síndrome que tem como características os problemas na comunicação, socialização e comportamento. Esta síndrome que é geralmente diagnosticado entre os 2 e 3 anos de idade, faz com que a criança apresente algumas características específicas, como a dificuldade na fala, expressar sentimentos e ideias, não sentir-se a vontade em meio aos outros, movimentos repetitivos e estereotipados, além de não conseguir manter contato visual.

O autismo é entendido como um distúrbio que pode variar de grau leve ao severo, sendo considerado como limitrofia, em casos leves. Alguns podem ser diagnosticados como indivíduos com traços autísticos e, entre outros, também podem ser vistos como portadores da Síndrome de Asperger. (OLIVER, 2006, pg. 111)

Atualmente, o autismo passou a ser classificado por diferentes tipos de grau de funcionalidade, e cada grau possui seu jeito específico de tratamento. Entre os graus

do autismo se encontra a síndrome de Asperge, uma forma mais branda do autismo, em que a pessoa possui inteligência normal, se destacando em áreas determinadas, como matemática ou música.

Para a psicopedagoga Lou de Oliver (2006), o autista tem a dificuldade de utilizar todos os sentidos da comunicação, tanto verbalmente, quanto a comunicação através de gestos. Portanto, dentre a grande variedade no meio autista é possível encontrar pessoas que não possuem linguagem verbal, além de dificuldade na comunicação através de gestos e expressões faciais, tornando assim, o autismo uma síndrome complexa por suas variáveis.

Lou de Oliver(2006), destaca ainda, que o diagnóstico autista pode haver erros, pois a falha e a dificuldade na socialização é o ponto principal a ser identificado. Porém, muitos autistas podem parecer afetivos em relação as pessoas, mas apenas demonstram atos mecânicos repetitivos, que aprendeu vendo outras pessoas, como abraçar, beijar e se aproximar afetivamente podendo assim dificultar o diagnóstico correto.

Pessoas com autismo, apresentam muitas dificuldades na socialização, com variados níveis de gravidade. Existem crianças com problemas mais severos, que praticamente se isolam em um mundo totalmente impenetrável; outras que não conseguem se socializar com ninguém; e aquelas que apresentam dificuldades muito sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas, inclusive para alguns profissionais. Estas últimas apresentam traços autismo, não fecham diagnóstico. (SILVA, 2012, pg.22).

A interação social no autismo é muito prejudicada por vários motivos ligados a problemas de comunicação, por isso é necessário estimular e intervir precocemente nesses atrasos, colocando a criança autista em atividades sociais, onde tenha outras crianças como por exemplo a escola que auxilia no processo socialização.

De acordo com Silva (2012) a capacidade social desenvolvida pelo indivíduo com autismo, tem o seu mundo, totalmente isolado onde só mesmo pode entrar e permanecer. Alguns autistas têm comportamento mais sutis, que não conseguem nem perceber, pela maioria das pessoas, por não conter nenhum traço, normalmente pode ser inexpressiva ou apresenta expressões na face que são mais desapropriados.

Silva (2012), ao identificar uma criança isolada no seu canto, que se balança e geme o tempo todo, como nítido autismo, não se pode de imediato diagnosticar. Porém, identificar nuances muito leves de dificuldades sociais em pessoas que não tem nenhum diagnóstico é mais complicado. Entender a fundo os sentimentos e

percepções de quem tem esse funcionamento mental é o primeiro passo para que possamos ajudá-los.

Os traços sutis de autismo tendem a se desmascarar mais facilmente com o decorrer do tempo. Silva (2012), diz que em sua prática clínica diária, se depara com adultos que jamais foram diagnosticados, tampouco tratados. Eram vistos pela família apenas como o “estranho”, “esquisitões” ou “nerds”; no entanto, ao longo de sua trajetória de vida, encontraram muitas dificuldades em se socializar. Alguns, muito inteligentes, transitavam entre pessoas como se fizessem parte daquele grupo, mas, na realidade, nunca conseguiram estreitar os relacionamentos.

Segundo Cunha (2011), o autismo não é manifestado por apenas uma forma fixa, e seus sintomas variam de indivíduo para indivíduo, torna-se um desafio constante incluí-lo no sistema escolar por suas particularidades. Esta síndrome é classificada pela observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal que são: comprometimentos na comunicação, dificuldades na integração social e atividades restrito-repetitivas.

Muitas pesquisas são feitas na atualidade para se descobrir as causas do autismo, dentre as principais causas de fonte de estudo estão relacionados fatores ambientais, genéticos, alterações bioquímicas e anormalidades cromossômicas. Há uma grande variedade na forma em que se apresenta o espectro autista.

No autismo é possível encontrar pessoas que apresentam uma inteligência acima da média. Porém, mesmo que o indivíduo tenha a inteligência na normalidade, os sintomas que acompanham o autismo trazem prejuízos em seu funcionamento diário, por ver, ouvir e sentir o mundo diferente de outras pessoas. Portanto, o transtorno do espectro autista (TEA) conhecido como autismo, é uma síndrome que afeta o desenvolvimento na linguagem, na comunicação, no convívio social e na integração da criança. O autismo atinge tanto o sexo masculino, quanto o feminino, porém, estatísticas recentes mostram que a síndrome é mais comum no sexo masculino. Dentro deste espectro existem 3 tipos de autismo: a síndrome de asperger, o transtorno invasivo do desenvolvimento e o transtorno autista.

A síndrome de asperger atinge mais o sexo masculino, e por ser reconhecida recentemente dentro do espectro autista, ainda não se sabe ao certo o número de pessoas com essa síndrome, que é considerada uma forma mais leve do espectro autista. As crianças diagnosticadas com este distúrbio, não possuem facilidade na

integração social, pois muitas vezes tem comportamentos considerados estranhos, além de não possuírem facilidade para fazer amigos ou manter uma conversa de forma convencional de acordo com Beltrão Braga,(2017).

Diferente do autismo, a síndrome de asperger apresenta sintomas mais leves, o que faz com que a pessoa seja mais independente, comunicativa, mesmo que de forma retraída, em situações que envolvam a socialização. As pessoas diagnosticadas com a essa síndrome não veem interesse em se relacionar com outras pessoas.

Manter rituais frequentes, vestir-se de forma específica e rotineira, não manter contato visual, não conseguir gesticular ou entender expressões facial, dificuldade de compreender a linguagem corporal ou manter interesse obsessivo em alguma atividade com frequência podem ser características da síndrome de asperger. Podem também possuir uma inteligência acima da média, o que é classificado por profissionais como “autismo de auto funcionamento”

Crianças com o transtorno do Espectro autista tem a dificuldade em manter contato visual, como se vivessem em seu próprio mundo particular, o que acaba por trazer a criança o isolamento do mundo externo, acarretando a exclusão. O autismo em alguns casos, prejudica o desenvolvimento psicomotor da criança, trazendo movimentos repetitivos e mecânicos, como o balançar de pernas, braços, ou tronco, e ainda é comum quando contrariados ou obrigados a sair da rotina demonstrar comportamentos agressivos Kaplan, (1997).

É comum uma criança ter o comportamento voltado à curiosidade, por mais tímida que a criança seja, estão sempre explorando e conhecendo o ambiente em que os rodeia. A criança autista, porém, pode ficar parada, apenas olhando fixamente sem despertar o interesse de tocar, mexer ou conhecer o ambiente em que está.

Quaisquer dos sintomas que passaram a demarcar essa patologia podem ser encontrados em muitas crianças que não são autistas e não são reconhecidas como portadoras de distúrbios psíquicos, (CAVALCANNTI e ROCHA,2001, pg. 99).

É necessário enfatizar o temor do contato corporal face a face com o autista, observou que a aproximação pelas costas era sentida como menos intrusiva e, portanto, menos perigosa. Às vezes, a criança utiliza uma parte do corpo de outra pessoa como objeto ou prolongamento do próprio corpo; usa, então, de bom grado, a mão com o objetivo de que algo lhe seja feito.

Para LeoKanner (2010),muitas vezes, a criança apresenta condutas

ritualizadas de verificação, como se quisesse se assegurar da ausência de mudanças em seu ambiente. Quanto a isso Leo Kanner (2010), enfatizou a extraordinária memória que algumas crianças demonstram, como puderam perceber inicialmente.

O vocabulário incrível das crianças que adquiriram a linguagem, a excelente memória para acontecimentos ocorridos há vários anos, a fenomenal capacidade de decorar poemas e nomes e lembrar-se precisamente de sequências e esquemas complexos, testemunham uma boa inteligência no sentido comumente aceito deste termo (KANNER, 1943, pág. 247-248).

Quando as crianças adquirem uma linguagem, ela é muito particular, marcada por certo número de anomalias e características. Se, por um lado, é possível que a compreensão da linguagem permaneça aceitável, ao menos nas crianças que conservaram bom potencial intelectual, e na medida em que suas dificuldades de contato permitam avaliá-la, por outro, com frequência, a expressão da linguagem apresenta apenas fraco valor comunicativo.

Para Leo Kanner (2010), algumas crianças, em virtude de sua excelente memória verbal, mostram-se capazes de repetir longas séries de palavras, listas de objetos, letras de música, embora não consigam utilizar a linguagem para fins de comunicação. Outras vezes, a criança autista sobrecarrega a linguagem, podendo nesse caso desenvolver uma neolinguagem, por meio de justaposição de palavras. O significado dessa linguagem permanece desconhecido para outras pessoas, tornando assim exclusiva da criança.

O tratamento precoce é essencial, já que não existe uma cura para o autismo, assim o principal foco é direcionar as necessidades das crianças individualmente e buscar a melhor terapia que atualmente pode ser variada, em medicamentos, terapia educacional, fisioterapia, terapia de linguagens, comunicação, comportamental, ou até mesmo terapia ocupacional.

2. A INCLUSÃO DO AUTISTA NA REDE REGULAR

A inclusão escolar prevê que todas as pessoas sejam acolhidas no sistema de ensino, independentemente de cor, classe social, transtornos psicológicos ou condições físicas. Na atualidade, as pessoas com necessidades educacionais especiais (NEE), são consideradas como o principal foco da inclusão, pois é comprovado que a integração desses alunos na classe regular de ensino juntamente com outros alunos que não possuem necessidades especiais, faz com que ambos

possam compartilhar experiências e assim a aprendizagem. Mantoan,(2003).

Sendo dever de o Estado garantir atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (Declaração de Salamanca, 1994), é importante que as escolas estejam preparadas para receber e educar igualmente cada aluno com capacitação adequada no acompanhamento de seus alunos.

A exclusão escolar se manifesta em diferentes formas, levando sempre em consideração a ignorância do aluno frente aos padrões da educação escolar, que é organizado em disciplinas, que ao invés de unir o conhecimento de todos, os afasta, dificultando assim a capacidade de entender as soluções e respostas dos problemas das matérias que são impostas, conforme Mantoan, (2003).

Modificações são necessárias para que de fato a inclusão tenha êxito, não existindo apenas no papel, ou na presença contínua do aluno na escola. Essas modificações exigem esforço de todos, possibilitando que a escola possa ser vista como um ambiente de construção do conhecimento.

Diante dessas novidades, a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos. (MANTOAN, 2003, pg.12)

O cenário atual do sistema escolar é formado num pensamento que desafia a realidade, quando divide os alunos em especiais e normais, os professores que são formados nesta ou naquela área específica, as escolas em regulares, e especiais. Essa lógica faz com que o ensino seja repassado de uma forma mecânica, formal, dispensando assim um modelo de ensino efetivo e criativo, modelo este que poderia produzir a reviravoltas nos desafios à inclusão.

Assim, a educação inclusiva tem o papel de desenvolver interações sociais no desenvolvimento do aluno, o estimulando na aprendizagem dentro e fora da sala de aula, fazendo com que a sociedade seja mais ativa e solidária. Estes benefícios advindos da educação inclusiva tem o intuito de mostrar que independentemente de qualquer especialidade, o aprender juntos, sem distinção, transforma e molda os hábitos comuns, além de estimular o crescimento na construção do auto estima da criança especial, já no início do convívio escolar de acordo com Cunha (2011).

A inclusão trás o benefício da socialização entre os alunos, pois por mais que

tenham diferentes limitações, elas possuem a capacidade de aprender; mesmo que isso demore mais tempo. A presença do aluno com deficiência em uma sala de aula regular, faz com que o mesmo assuma o papel de cidadão e exerça seu direito de receber a devida educação, tanto como qualquer outro aluno.

Para Mantoan (2003), as instituições de ensino que se abrem a promover a educação a todos de forma efetiva, colaboram para que esses alunos sejam capazes de absorver melhor a aprendizagem e serem independentes. Portanto, a inserção desses alunos no convívio escolar, não só promove o desenvolvimento pessoal de uma maneira geral, como também é uma ferramenta importante e necessária para os relacionamentos sociais e interpessoais.

Um desafio constante na atualidade, segundo a autora, tem sido a inclusão do Autista nas escolas, mesmo a educação sendo um direito garantido por lei, não tem sido tão simples como parece, pois, ainda existe uma grande falta de conhecimento por parte das instituições de ensino sobre as dificuldades no ato de lidar com o novo, o diferente, a diversidade. Por mais que seja um direito incluir a todos, não basta apenas inseri-lo na escola, pois a mesma não garante a inclusão, é necessário que a mesma garanta qualidade de ensino e uma boa aprendizagem.

É importante destacar que a presença do autista em sala de aula já é um grande avanço, porém, sua presença na escola não garante a aprendizagem do mesmo. Por mais que o educador seja especializado na área, para que a inclusão aconteça de forma genuína, é necessário que as escolas, a família, e profissionais envolvidos tenham uma formação adequada para auxiliar no crescimento educacional do aluno autista.

Tendo em vista as dificuldades enfrentadas quanto à socialização do autista, o processo de inclusão da criança começa dentro de casa com sua família. Segundo Cunha (2011), a ligação da família, juntamente com a escola é muito importante no processo inclusivo da criança, pois os resultados desenvolvidos tendem a ser satisfatórios e melhores do que uma de forma unilateral. Portanto, a escola deve sempre buscar as melhores estratégias de ensino, de acordo com cada característica individual da criança, fornecendo uma educação inclusiva e de qualidade, unindo forças com a família, compartilhando informações e experiências, pois a família do autista exerce o papel fundamental em seu desenvolvimento social.

É importante e necessário incluir a criança autista no meio escolar, pois elas desenvolvem uma visão ampla dos papéis sociais, melhoram a convivência no

trabalho em grupo, além de ampliar sua comunicação. Ademais, a inclusão beneficia também todas as crianças, fazendo-as perder o preconceito em relação ao diferente, desenvolvem o respeito, a tolerância, cooperação e senso de responsabilidade Cruz (2014).

Na educação inclusiva, os alunos desenvolvem na convivência o senso de auto-aceitação e auto-valorização, além do mais, os laços de amizade desenvolvidos nessa convivência trazem a oportunidade de aprender uns com os outros e de serem membros ativos no ambiente escolar. Para Mantoan (2003), o primeiro passo para que possamos construir uma sociedade mais justa é respeitando as diferenças, que de início se aprende na escola, pois a mesma possibilita o privilégio de conviver e aprender com as diferenças. Este ponto se assemelha à opinião de Cunha (2011) que defende, que a inclusão é o ato de aprender juntos, favorecendo assim a sociabilidade livre para todos.

O professor, como mediador e organizador da sala de aula, deve assumir o comprometimento com a diversidade, intervindo nas atividades em que o aluno ainda não tenha o discernimento de desenvolvê-la sozinho, ajudando assim o aluno a se sentir capaz de resolver conflitos cognitivos. Portanto, é necessário que o educador esteja consciente da importância de adequar seus projetos educacionais de acordo com as necessidades de seus alunos, como por exemplo fazendo com que a aula seja de caráter efetivo e provida de expressões claras e objetivas, além de buscar novos meios de aprendizagem que seja adequado a todos os alunos.

É indubitável perceber que o atual modelo de ensino, em que somente o educador transmite os conhecimentos, e os alunos são ouvintes que tem a função de memorizar as informações é ultrapassado e está posto em dúvida sobre sua real capacidade qualitativa, pois os educadores devem entender a real demanda específica de cada aluno, trabalhando assim suas necessidades, propondo a cada indivíduo atividades que façam sentido, entendendo que cada aluno aprende de uma forma diferente, como no caso da criança autista Mantoan (2003).

Pela dificuldade em que o Autista encontra na socialização, a educação do mesmo se torna um grande desafio, pois essa exclusão faz com que o autista tenha uma visão pobre para aquele que o ensina, causando de certa forma a incapacidade de imitar seu educador, que é um passo fundamental na aprendizagem.

Atualmente, existem excelentes métodos de ensino para o autista, o TEACCH, que em português significa Tratamento e educação de crianças autistas e com desvantagens na comunicação, que foi desenvolvido pela Universidade da Carolina do Norte e tem como princípios básicos: a funcionalidade, adquirindo habilidades práticas à criança. Desenvolver a maior capacidade possível de independência. Integrar as prioridades da família, juntamente com o programa, afim de que as mesmas sejam adotadas uniformemente e adequar à criança o desenvolvimento mais adequado a partir da potencialidade de cada idade.

O TEACCH faz uso de recursos visuais e sistemas de trabalho na busca da independência, emprestando as estratégias da psicologia comportamental, comunicação alternativa, estudos sobre cognição e linguagem. Por isso, o TEACCH é amplo e insere em sua moldura muitas estratégias a partir do que a ciência coloca como forte (GRANCHI, 2017).

Além do método TEACCH, o método ABA, que em português significa análise de comportamento aplicada, também visa a independência da criança autista, possibilitando uma melhor qualidade de vida. O tratamento é intensivo e individualizado, destacando entre suas habilidades ensinadas estão: contato visual, atividades diárias como higiene pessoal, a redução de comportamentos agressivos, estereotipados, repetitivos, agressões verbais, além da comunicação funcional e educação acadêmica, como leitura, escrita e matemática. Esta terapia tem muito sucesso, na quebra de habilidades e comportamentos por etapas, e assim recompensando o sucesso de cada uma delas, como a melhora da atenção, memória, comunicação e autocontrole de acordo com COOPER, HERON & HEWARD, (1989).

Nos países desenvolvidos, o método ABA é muito utilizado na educação dos autistas, e de outros alunos que também possuem outras síndromes e transtornos de deficiência intelectual, pois é a mais indicada no desenvolvimento do aluno. Assim, esta terapia destaca que o ato de aprender precisa ser muito prazeroso ao aluno, e que seja sempre comemorada cada conquista e resposta correta, incentivando assim o aluno.

A inclusão do autista é importante e necessária, porém não é toda escola que oferece à autista oportunidade de ensino com qualidade, assim, a função de incluí-lo em qualquer escola sem o preparo adequado não traz benefícios úteis para a criança. Portanto é indispensável analisar e estudar escolas e profissionais que tenham

habilidades e recursos disponíveis, para que de fato a inclusão tenha sucesso genuíno.

Para Mantoan (2003), as diferenças culturais, sociais, religiosas, de gênero, e a diversidade humana está cada vez mais sendo revelada e destacada. Esta condição é indispensável para compreendermos e aprendermos sobre o mundo e a nós mesmos. É necessária uma mudança radical nas escolas, por mais que toda quebra de paradigma seja cercada por incertezas e inseguranças, porém essas mudanças trazem liberdade para buscar outras alternativas, formas de interpretação e conhecimentos que beneficiem a realização das mudanças almejadas.

Mantoan (2003), destaca que a escola age pelo formalismo da racionalidade, e une-se em modalidades de ensino, burocracias e grades de ensino. Segundo a autora, a saída para que a escola possa fluir, como propõe a inclusão, seria fazer uma ruptura da base diretamente em sua estrutura organizacional, espalhando assim sua ação formadora, que incluiria à todos que delas participam. Com tudo isso, é inegável perceber que a inclusão necessita de mudanças nesse atual paradigma educacional, tendo como objetivo de que a escola se encaixe no mapa da inclusão, passando assim por uma reintegração. O processo educacional necessita de muita atualização, porque novos desafios estão sempre surgindo para as escolas, como é o caso do aluno autista. Portanto, o papel das escolas e do corpo docente é de sempre se manter dispostos a atualizar e melhorar suas práticas pedagógicas.

Diante dessas informações, a escola não deve continuar ignorando o que acontece em seu ambiente, nem anular e marginalizar as diferenças nos processos em que educa e inclui seus alunos. Para Mantoan (2003), aprender implica ser capaz de expressar, de diversos modos o que sabemos, além de representar o mundo a partir de nossas origens, valores e sentimentos.

Mantoan (2003), aponta ainda que a escola se democratizou ao abrir-se a novos grupos sociais, mas não aos novos conhecimentos, excluindo assim os que ignoram o conhecimento em que ela valoriza, e assim a democratização do ensino não cria possibilidades de comunicação entre o que é diferente, além de não se abrir a novos conhecimentos que não se encaixam dentro dela.

A integração escolar visa inserir o aluno com deficiência na escola como qualquer outro aluno, negando a diferença e ignorando suas possíveis necessidades no processo de aprendizagem. No contexto da integração o aluno com necessidades especiais deve se adaptar aos recursos disponíveis em que a escola oferece. Com

isso a exclusão é constante nesse tipo de integração, pelo fato dos alunos não se adaptarem ao ensino disponível.

Enquanto o objetivo da integração é inserir no sistema escolar o aluno que já foi excluído de algum modo, a inclusão tem o objetivo de não deixar ninguém de fora do ensino regular, logo no começo da vida escolar. A inclusão nas escolas prevê um modo de organização do sistema educacional em que considera as dificuldades e necessidades de todos os alunos, e que é estruturado a partir dessas necessidades. Logo, a inclusão necessita de uma mudança de perspectiva educacional, pois a mesma não tem o objetivo apenas de atingir aqueles alunos que tenha deficiência, mas sim de atingir à todos os demais, para que assim se obtenha sucesso na corrente educativa geral conforme Mantoan (1999). A inclusão não questiona apenas as políticas e a organização da educação especial ou regular, mas também do que se entende sobre o conceito de integração, que é incompatível com a inclusão, pois a mesma prevê a inserção do aluno de forma radical, completa e sistemática, com o objetivo de que todos os alunos frequentem as salas de aula no ensino regular.

Não atingindo apenas alunos com deficiência, pode-se imaginar o impacto da inclusão no sistema escolar por seu radicalismo no fato de exigir uma mudança de paradigma educacional, com as escolas atendendo as diferenças sem aceção ou trabalhar individualmente com alguns alunos com deficiência ou necessidades educacionais especiais de acordo com Mantoan (2003).

Quando a escola abre as portas para o ensino inclusivo, não somente o aluno com alguma diferença ganha com isso, mas também todos os outros alunos que irão levar para a vida lições aprendidas no convívio escolar, entendendo que diferenças existem, e que é possível conviver com elas.

Problemas conceituais, desrespeito à preceitos constitucionais, interpretações tendenciosas de nossa legislação educacional e preconceitos distorcem o sentido da inclusão escolar, reduzindo-o unicamente à inclusão de alunos com deficiência no ensino regular. Essas são, do meu ponto de vista, grandes barreiras a serem enfrentadas pelos que defendem a inclusão escolar, fazendo retroceder, por sua vez, a iniciativas que visam à adoção de posições inovadoras para a educação de alunos em geral. Estamos diante de avanços, mas de muitos impasses na legislação. (MANTOAN, 2003, pg.22)

Mudanças na política é necessário para o desenvolvimento nas escolas inclusivas, pois assim é possível adquirir recursos adicionais adequados no modo afetivo de atingir a educação a todos, além de trazer a conscientização da importância

da inclusão escolar e seus benefícios à sociedade. Na lei, e na concepção inclusiva, o atendimento especializado na educação, deve estar disponível em todos os níveis de ensino do aluno, preferencialmente na rede regular de ensino, desde a educação infantil até mesmo na universidade. O ambiente mais adequado para se garantir o relacionamento dos alunos com deficiência ou sem, de mesma idade, e que seja beneficiado com a interação do desenvolvimento cognitivo, social, motor, e afetivo dos alunos é a escola comum de acordo com Mantoan, (2003).

É importante que as escolas trabalhem seus projetos pedagógicos a fim de desenvolver a educação inclusiva. O ensino deve ser adaptado às necessidades das crianças, promovendo oportunidades curriculares que sejam apropriadas a seus alunos, com seus interesses e habilidades diferentes. Para os defensores da inclusão escolar, é necessário que as instituições de ensino eliminem barreiras arquitetônicas, e que exerçam práticas de ensino adequando-se às diferenças de seus alunos, oferecendo assim estratégias que contemplem a diversidade, e adotem recursos de ensino, além de equipamentos especializados que possam atender as necessidades educacionais de seus educandos de acordo com Mantoan,(2003).

A autora aponta ainda que todos os níveis de formações nos cursos dos educadores necessitam de modificações em seus currículos, fazendo com que as próximas gerações de professores aprendam práticas de ensino que se adéquem às diferenças. Os critérios avaliativos, com base no aproveitamento escolar, devem ser organizados e ministrados de forma com que cumpram os princípios constitucionais da igualdade de garantir a todos o acesso à escola básica de ensino, além da inserção aos níveis mais elevados de ensino, segundo a capacidade de cada aluno.

Por ser mais fácil gerenciar as diferenças formando classes especiais, a inclusão se torna um desafio, pois desestabiliza as pessoas que sempre defenderam a seleção dos ensinios nas modalidades especiais regulares como a melhor maneira de ensino para alunos especiais, e com isso acaba por se tornar difícil tornar-se imune as mudanças por aqueles que acreditam que a incapacidade de aprender é exclusivamente do aluno. As condições de transformações que existem hoje nas escolas é a de propor uma escola única, disponível a todos, onde a competição é substituída pela cooperação, pois na escola inclusiva o que se pretende é fazer com que as diferenças se componham, se articulem, e com isto, os talentos de cada aluno se sobressaia conforme Mantoan, (2003). É comprovado que o convívio em uma sala de aula inclusiva traz diversos benefícios sociais e acadêmicos à todos os alunos.

Portanto, a escola que se abre à prática do ensino inclusivo não está apenas sendo cumpridora da lei, mas também está dando a seus alunos a oportunidade da conscientização a inclusão e o respeito às diferenças.

A inclusão também se legitima, porque a escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar-lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sociocultural que lhes conferirá oportunidades de ser e viver dignamente. (MANTOAN, 2003, pg. 30)

A inclusão é um motivo à mais em que a educação precisa ser atualizada. Incluir é necessário, principalmente pelo fato de melhorar as condições da escola, afim de que nela possam formar gerações que estejam preparadas para viver em harmonia, livre e sem preconceitos ou barreiras. Portanto, o aperfeiçoamento na prática dos professores, juntamente com a escola que se moderniza e reestruturadas suas condições atuais faz com que a inclusão seja de fato trabalhada para responder as necessidades de cada um de seus alunos por suas especialidades de acordo com Mantoan, (2003).

Além da escola e os educadores, os pais são grandes aliados na reconstrução da nova escola que tem o objetivo de incluir, pois são estimuladores e reivindicadores, que sempre buscam o melhor para seus filhos, não se contentando apenas à projetos ou programas repetitivos que ao invés de ajudar no desenvolvimento, acabam por atrapalhar o crescimento educacional de seus alunos. A inclusão exige mudanças de paradigmas, e tem como objetivo tornar a educação capaz de acolher à todas as pessoas, porém não são todas as instituições educacionais que se abrem a considerar as diferentes formas de ensino que visam a individualidade, possibilitando a inclusão de seus alunos.

Acredita-se que a escola de qualidade é aquela que enche a cabeça dos alunos de fórmulas, datas e conceitos. Que centram a aprendizagem apenas ao racional, no cognitivo do desenvolvimento, que avaliam os alunos por suas respostas ensaiadas, porém, esses métodos apenas levam à repetição e memorização. Mantoan (2003) acredita que uma escola de qualidade é o espaço educativo de construção de personalidade humana autônoma e crítica, onde os alunos aprendem de fato a ser pessoas. Nesta escola de qualidade citada pela autora, os alunos aprendem a conviver com as diferenças através da convivência com outros alunos, pelo exemplo de seus professores, pelo ensino ministrado nas salas de aula e pela efetividade estabelecida no ambiente escolar. Esta escola citada não exclui nenhum aluno de

seus programas, projetos, nem de classes, pois todos os alunos têm a possibilidade de aprender estando presente em uma única turma.

Aberta às diferenças e capazes de ensinar a todos os alunos, essas escolas tem a possibilidade de receber todos os alunos sem discriminação, e sem a prática do ensino especializado. Isso vem de um projeto pedagógico escolar unificado que se ajusta à escola, e que a escola se ajusta à novos métodos de ação educativa. Dentro deste projeto pedagógico, é imprescindível que todos os profissionais, como educador, diretor, coordenadores, funcionários e os pais dos alunos estejam envolvidos e trabalhando juntos. Conforme Mantoan, (2003). O sucesso deste projeto está em explorar os talentos, desenvolver as predisposições naturais cada aluno e atualizar suas possibilidades. Mesmo que suas dificuldades e limitações sejam reconhecidas, não impedem o processo do ensino, como é comum, e assim ensinar atendendo às diferenças dos alunos, como é o caso do aluno autista.

Assim, é importante que os educadores desenvolvam programas de educação individualizada, focando nas peculiaridades específicas de cada aluno, como treinamentos de habilidades cotidianas, terapias de fala ou idiomas, além de elaborar técnicas para que os alunos possam desenvolver a integração com todos os alunos na sala de aula.

Como toda educação, em qualquer circunstância, o foco deverá o indivíduo, especificamente no caso do autismo, as aptidões que ele possui servem como propulsores para a aquisição de novas habilidades. (CUNHA, 2011, pg. 43)

Na inclusão do autista na escola, Cunha (2011), aponta que o aluno deve sentir-se confortável com o ambiente na sala de aula. O professor precisa aprender a se relacionar com o aluno autista, pois nessa relação, quem primeiro aprende é o professor, e logo, quem o ensina é o aluno.

Como o autista é atraído por objetos que balançam, ou rodam, é necessário que a sala de aula seja simples, e sem muitos objetos, para que não haja estímulos desnecessários. Portanto, o aluno autista precisa visualizar somente os materiais que irá trabalhar, para que assim tenha mais concentração. Nesse processo de aprendizagem, o educador deve observar quais atividades e objetos mais atraem o aluno, trabalhando assim seu progresso educativo de acordo com Cunha (2011).

Uma dificuldade na educação do autista, é o padrão de seus comportamentos que traz consigo a falta de diversos funcionamentos diários, tanto para atividades,

brincadeiras ou hábitos. Por essa razão, quando ele encara um mundo totalmente novo, com responsabilidades e novidades, acaba por ser desafiador e confuso, pela transformação na mudança de sua rotina.

Cunha (2011), em seu livro “autismo e inclusão” aponta algumas dicas de como melhor desenvolver a inclusão no processo da aprendizagem do autista na escola, como promover atividades que estimulem a imaginação e a criatividade, utilizando materiais pedagógicos, copiando ou colorindo desenhos. Ministrando atividades que explorem espaços, e criem vínculos, como pular corda, jogar bola, rodar pneu, correr ou pular, com a participação de todos os alunos. No trabalho do campo visual do aluno, o educador deve sempre repetir o nome dos objetos quando estiver fazendo alguma atividade, pois na educação do autista, as palavras e comandos devem ser claros e diretos, possuindo um objetivo claro. Este método facilita a leitura de situações subjetivas e simbólicas do dia-a-dia.

De acordo com Mantoan (2003), todo aluno pode aprender, mas no tempo e no jeito que lhe é próprio. Portanto é essencial por parte do educador desenvolver expectativa em relação à capacidade de desenvolvimento de seus alunos, e assim nunca desistir de buscar meios de ajudá-los a vencer suas dificuldades escolares. É indispensável que se adote uma pedagogia interativa, ativa e integradora. Que fuja de uma educação individual que tenha uma visão unidirecional.

Para ensinar toda a turma, sem diferenciar, é necessário entender que o ponto inicial desse ensino é feito pelo próprio aluno ao aprender. E não pelo educador quando ensina. Assim, esse pensamento de inversão é indispensável no ato de ensinar toda a classe, pois acaba por não sobrecarregar tanto o educador, quando o mesmo produz diferentes atividades para cada aluno em específico. Com isto, o pensamento de que o educador tem todo o conhecimento para melhor educar e explicar a seus alunos o que se deve aprender, deve ser deixado de lado nesse processo de ensino inclusivo conforme Mantoan (2003). Portanto, é necessário possuir uma nova visão do ensino nas escolas, onde todos possam aprender, independentemente de suas diferenças. Além de reconhecer que cada aluno possui seu próprio modo de aprendizagem, e que essa aprendizagem não depende apenas dos alunos, mas sim do conjunto entre o educador e o aluno, para que assim seja possível construir na sala de aula um ambiente adequado para que os conhecimentos sejam desenvolvidos, e comisso a inclusão tenha sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensinamento sobre o autismo proporcionou um melhor entendimento desde seu conceito até os atributos do comportamento do indivíduo autista, visto que, é um transtorno que engloba complexidade em todos os âmbitos sociais, principalmente no âmbito escolar.

A inclusão de alunos autistas na escola regular da rede pública é um grande desafio, pois para que a inclusão seja uma realidade é necessária uma preparação dos docentes e de todo corpo escolar. Vale destacar que, a inclusão é um processo contínuo, pois o mesmo tem sempre o que melhorar a partir de olhares atentos sobre os pontos positivos e os negativos. Os pontos positivos devem ser compartilhados com os demais profissionais incluídos na inclusão na rede regular, pois os mesmos são exemplos de superação, porém os pontos negativos também devem ter o mesmo grau de importância, sendo a partir dos mesmos, os profissionais que atuam na escola podem refletir sobre tais comportamentos, antes de ser um erro é um acontecimento a ser refletido, sabendo que é através da tentativa que pode-se pensar em outras estratégias para o desenvolvimento do processo inclusivo. Os pontos negativos não devem ser vistos apenas como um erro e muito menos como uma questão a ser rejeitada pois não é essa a intenção. O levantamento dessas questões dá-se por conta de contribuir para que o processo inclusivo na rede regular de ensino torne-se cada vez melhor no atendimento aos educandos autistas e às demais necessidades educacionais especiais.

Desta forma, abordar o tema autismo na escola: pontos e contrapontos da escola inclusiva proporcionaram o olhar mais extenso sobre os pontos positivos e os negativos do processo de inclusão dos autistas na escola regular pública, os pontos que já fazem parte da realidade escolar e os pontos que podem melhorar com o empenho dos educadores, visto que a formação e busca por novos conhecimentos para a prática pedagógica nunca se acabam, sabendo que, ambos os pontos contribuem para o processo inclusivo.

Tal tema não é abordado para a discriminação da realidade da escola mencionada, mas uma forma de contribuir para o processo inclusivo dos interessados pelo estudo do mesmo e essencialmente para a escola pesquisada, visto que é uma escola competente, empenhada e comprometida com a educação e de papel importantíssimo para a inclusão dos autistas.

A inclusão de crianças que apresentam “Transtorno do Espectro Autista” nas escolas de ensino regular é uma conquista assegurada por lei, posto que, de acordo com a literatura o convívio social colaborou para o desenvolvimento do autista. E ainda se essa inclusão possa ser realizada de forma gratuita por meio da escola pública, melhor para as famílias que não possuem situação financeira elevada.

De acordo com as pesquisas bibliográficas abordadas para que o processo inclusivo ocorra da melhor maneira, é necessário o trabalho tanto dos profissionais do atendimento educacional especializado, quanto do trabalho do professor regente.

O trabalho escolar inclusivo não deve focar-se nas dificuldades apresentadas pelo indivíduo autista, mas em suas potencialidades, visto que estas proporcionam maior impacto para o trabalho de seu desenvolvimento.

A relação família-escola é de grande importância para o trabalho inclusivo, pois através de tal relacionamento é possível promover qualidade na inclusão, pois a comunicação da família junto à escola vem só contribuir, para o processo social dentro desses dois ambientes conjuntamente. Embora os docentes sejam especializados na área, é de fundamental importância que a escola proporcione a capacitação dos mesmos, com formações continuadas adequadas às necessidades, pois o papel do professor é primordial para o processo de inclusão escolar. Logo, é necessário que os docentes proponham-se a assumir tal desafio, pois todos são beneficiados com a inclusão. Então, é preciso que escola possibilite aos pais e a toda comunidade escolar sobre o que é o autismo, para que além dos professores os mesmos possam ter conhecimento acerca do assunto, a escola está inserida em um contexto social e que nem todos possuem entendimento da importância da inclusão de crianças autistas no ambiente escolar. É de extrema importância um olhar atento do professor ao comportamento do aluno autista para que saiba quando algum estímulo está sendo positivo ou negativo, visto que é a partir de tal observação que o profissional poderá intervir da melhor maneira possível.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Patrícia Cristina 2017, autismo. Instituto de pesquisas biomédica São Paulo Brasil.
- CANDAU, Vera.(Org.). Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 2ª ed.
- CAVALCANTI, Ana E.; ROCHA, Paulina S. *Autismo: construções e desconstruções*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- COOPE, J.O, HERON, T., andHeward, W. (1989). Applied Behavior Analysis. Columbus, OH: Merrill. De Leon, I. G., & Iwata, B. A. (1996). Evaluation of a multiple-stimulus presentation format for assessing reinforcing preferences. *JournalofAppliedBehaviorAnalysis*, 29, 519-522.
- CUNHA, Eugênio. *Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. 3 ed. Rio de janeiro: WakEd. , 2011.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 2ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GRANCHI, Maria Elisa 2015 *O diagnóstico dos transtornos do espectro do autismo*, ufscar, Pirassununga, SP.
- KANNER, Leo. *Psiquiatria Infantil: Os distúrbios Autísticos de contato afetivo*. P.s.org. Autismos, São Paulo, Escuta 1997.
- KAPLAN, H. I. *Compêndio de Psiquiatria – Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. 7ª ed. Porto Alegre: Ed. Artmed, 1997
- GOLDBERG, Karla. *Autismo: uma perspectiva histórico-evolutiva*. *Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen/RS*, v. 6, n. 6, 2005.
- MANTOAN, Maria Teresa. *Inclusão escolar: Oque é, por que? Como fazer?*São Paulo, Moderna 2003.
- MARZANO, Robert J. e outros. *Ensino que funciona: estratégias baseadas em evidências para melhorar o desempenho dos alunos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- OLIVER, Lou. *Distúrbio de comportamento*. Rio de Janeiro. Wak 2010.
- SANTOS, Milton. *Por uma nova Globalização – do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Editora Record, 2001.

SILVA, Ana Beatriz. Mundo singular: entenda o autismo. Rio de Janeiro. Objetiva 2012.

VYGOTSKY, L. S. (1991). A formação social da mente – O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes.